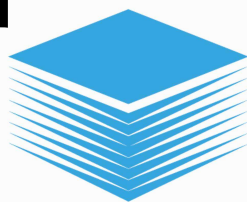


News Paper

Informativo
Setorial ANDIPA



Nesta edição

Papel imune segue na
lista da Receita Federal
Página 7

Produção gráfica
fechou ano em queda
Página 13

Resultados positivos
em 2017 para o
segmento de I&E
Página 14

Importação de cuchê
caiu; outros tipos de
papéis registraram alta
Páginas 15 e 16

Oferta de papéis
cresceu em Janeiro
Página 17

Coluna Two Sides:
papel e cartão são
embalagens preferidas
Página 9

Oferta de papel imune importado diminuiu 62% em cinco anos

Dados da Receita Federal informam os volumes anuais de papéis importados com imunidade tributária, que devem ser destinados à produção editorial brasileira. Entrada de jornal teve a maior queda. Mercado de livros reduziu a demanda de papel no mesmo período.

Páginas 4, 5 e 6

Retomada da economia cria expectativa de ano melhor para o mercado de papel

Páginas 2, 10, 11 e 12

Em artigo, Abram Szajman, presidente da FecomercioSP, reflete sobre o desempenho e as perspectivas no atual cenário do País

Página 3

EXPEDIENTE

NewsPaper Informativo Setorial ANDIPA é uma publicação da ANDIPA - Associação Nacional dos Distribuidores de Papel. Direitos autorais reservados. A reprodução é permitida desde que citada a fonte.

Contatos
(11) 3044-2214 - www.andipa.org.br
comunicacao@andipa.org.br
andipa@andipa.org.br

Presidente
Vitor Paulo de Andrade

Diretoria
Antonio Manoel de Mattos Vieira Neto
José Luiz Barbosa Leonardos
Marcelo Patury Accioly

Presidente Executivo
Vicente Amato Sobrinho

Staff
Edna Souza

Conteúdo Editorial e Diagramação
Keser Serviços de Comunicação

Jornalista Responsável
Rosângela Valente (Mtb 121/MS)

Cenário mais favorável permite foco no essencial

Os resultados do ano passado do setor de papel indicam recuperação das atividades, ainda que o desempenho da produção gráfica tenha ficado aquém do esperado. Evidentemente, temos ainda incertezas nos campos político e econômico, mas o cenário atual é de mais otimismo e confiança.

Ano de eleições, de copa do mundo de futebol, de Bienal do Livro e mais uma série de eventos e projetos coletivos e setoriais, 2018 promete ser melhor para todos. Os indicadores da macroeconomia apontam uma evidente retomada das atividades produtivas. A julgar pelo desempenho desde janeiro, o ano pode ser bom, sobretudo para os distribuidores de papel.

A crise econômica fez as empresas e a sociedade se readaptarem e evidenciou a necessidade imperativa de ajustar o foco naquilo que é vital. Para as empresas, o essencial é cumprir sua vocação e razão de existir: atender com excelência seu mercado, gerando valores. Essa é – e sempre deve ser – a premissa também para o segmento de distribuição de papel.

Quando mais de 90% do mercado gráfico são micro e pequenas empresas que contam com os distribuidores no fornecimento do insumo básico para sua produção, a agilidade é prioridade. O período de turbulência impôs mudanças práticas e operacionais, mas também reforçou a importância de que os segmentos sejam fortes e rentáveis para que a cadeia de negócios seja saudável e sustentável. Os estoques mais enxutos e ajustados para o giro rápido ressaltam a relevância do distribuidor no mercado de papel.

Individualmente é hora de focar na qualidade da operação e abandonar de vez o antigo modelo de disputa de mercado. Para que isso ocorra é preciso

enfrentar questões estruturais coletivas que só podem ser conduzidas com êxito pelas entidades representativas, fortalecidas pelo apoio e participação das empresas.

Coletivamente, a pauta de 2018 tem assuntos tão desafiadores quanto motivadores, com alto potencial para alavancar os bons resultados. A defesa da livre, legal e leal concorrência é o objetivo maior que norteia todas as ações da Andipa. Assim continuaremos atuando e apoiando ações contra os ilícitos, que provocam perdas aos cofres públicos e prejuízos às empresas que primam pela legalidade e pela ética.

O desvio de finalidade de papel imune é o maior desses males e temos apoiado com especial dedicação seu combate. Entendemos que os mecanismos de controle devem proteger e dar segurança às operações e aos agentes fiscalizadores, além de identificar e punir os infratores.

Contando com o apoio dos associados, em 2018 a Andipa deve avançar na constituição de fóruns e de conselho setorial para discussão e proposta de ações sobre assuntos relevantes e de interesse dos distribuidores e de todo o mercado de papel.

Por este conjunto de variáveis acredito que ao final deste ano teremos um mercado de distribuição mais competitivo e rentável, contribuindo para um bom desempenho da cadeia de negócio dos papéis gráficos e editoriais.



*Vitor Paulo de Andrade
Presidente do Conselho Diretor*

O balanço do comércio em 2017 e perspectivas para 2018

Por Abram Szajman

Projeções da FecomercioSP, feitas a partir dos dados da Pesquisa Conjuntural do Comércio Varejista (PCCV), indicam que o varejo paulista teve em 2017 um faturamento de R\$ 623,7 bilhões, valor R\$ 28,1 bilhões maior do que o registrado em 2016. Se tal projeção se confirmar, será o melhor desempenho anual de vendas desde 2011 marcando a reversão do pior ciclo recessivo já vivido pelo comércio, iniciado em meados de 2014 e que perdurou até o final de 2016.

A recomposição das vendas varejistas encontrou amparo na ampliação gradativa dos fatos econômicos positivos registrados ao longo do ano: queda da inflação; aumentos na renda agrícola e das exportações; início de melhoria no ritmo da produção industrial e injeção dos recursos do FGTS.

Em seguida, registrou-se queda nos índices de desemprego que, além de ser o indicador socialmente mais relevante, é o maior determinante para a restauração da confiança.

Essa combinação virtuosa das variáveis econômicas positivas permitiu a retomada das vendas do varejo com base na recuperação do consumo de bens duráveis, segmento mais afetado pela recessão 2014-2016.

A maior lição que se tira dessa recessão é a de que é essencial, para qualquer agente econômico, estar bem informado e atualizado sobre os fatos da economia e da política.

Quem estava atento às mudanças bruscas na política econômica e seus desdobramentos, não foi surpreendido com o aumento da inflação, o descontrole dos gastos públicos e nem pela retração generalizada na economia. A conclusão óbvia é que se deve aguçar o sentido crítico e não avaliar apenas as intenções de um governo, mas também os meios aos quais ele recorre para atingir seus objetivos.

As oportunidades surgiram para quem conseguiu gerenciar seus negócios com serenidade, mantendo cautela e muito controle sobre as despesas, consciente de que tudo na economia são ciclos que acabam se revertendo com o tempo.

Outra conclusão é a de que o maior benefício que o governo pode oferecer ao País é o de alcançar seu equilíbrio fiscal rapidamente e direcionar esforços para que o Estado tenha uma estrutura adequada à real capacidade contributiva da sociedade.

Na medida em que o Estado reduz significativamente sua necessidade de financiamento e elimina seus déficits anuais, toda a sociedade se beneficia com elevação na oferta de crédito e queda substancial nas taxas de juros nas operações para pessoas físicas e jurídicas.

A aprovação do teto de gastos e da reforma trabalhista também foram passos significativos, embora ainda insuficientes. As reformas previdenciária, tributária e administrativa continuam sendo essenciais para se alcançar o crescimento sustentado.

Em 2018, o ambiente eleitoral será o elemento determinante da conjuntura econômica interna, que ficará suscetível às oscilações decorrentes das agendas das candidaturas que estarão na liderança da corrida presidencial.

Da mesma forma, o comportamento das vendas estará inevitavelmente atrelado ao desenrolar desse quadro político, dificultando a elaboração de projeções anuais.

A Entidade avalia que o varejo paulista terá condições de mostrar, em 2018, novo aumento real de vendas, ao redor de 5%, com crescimento em todas as regiões do estado, dando prosseguimento ao processo de recuperação iniciado em 2017.

Abram Szajman é presidente da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP), entidade que gere o Sesc e o Senac no Estado



Divulgação

Importação de papel imune caiu 62% em cinco anos

Das importações totais de papéis em 2017, 295 mil toneladas foram internalizadas com imunidade tributária, para serem utilizadas na impressão de livros, jornais e periódicos, conforme previsto na alínea d do inciso VI do art. 150 da Constituição Federal. Em cinco anos, a entrada de papel imune estrangeiro diminuiu 62%, conforme os dados informados pela Coordenação Geral de Administração Aduaneira – COANA, da Secretaria da Receita Federal (SRF).

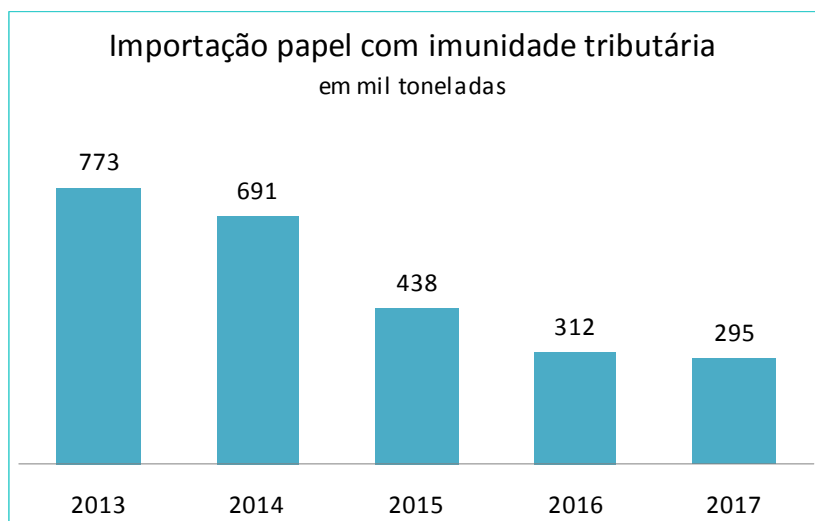
A pesquisa no sistema DW Aduaneiro mostrou que as importações registradas com imunidade somaram 773 mil toneladas em 2013 e apresentaram redução gradativa nos anos seguintes.

Em 2014, foram 691 mil toneladas, com recuo de 37% no ano seguinte, que somou 438 mil toneladas. Com nova queda de 28%, o total de papel imune importado em 2016 ficou em 312 mil toneladas. Os dados foram encaminhados em 29 de dezembro incluindo o consolidado de 2017 (295 mil toneladas).

Dentre os tipos de papéis passíveis de aplicação da imunidade, o presidente executivo da Andipa, Vicente Amato Sobrinho, explica que o jornal é o único com destinação integral na produção editorial. Os demais papéis para imprimir e escrever e o cartão são utilizados também em impressos comerciais, não contemplados com o benefício.

Considerando as informações disponibilizadas mensalmente, acompanhadas pela Andipa no Sistema AliceWeb, da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), em 2017 as importações de papel jornal somaram 102 mil toneladas, menos de um terço do volume desembarcado em 2013 (318 mil toneladas).

Desta forma, se o volume referente ao jornal for separado do total apurado pela COANA, o saldo restante corresponde aos papéis para impressão e escrita e cartão, utilizados na publicação de revistas e livros. Isso equivale a dizer que, nos últimos cinco anos, a oferta destes tipos de papéis estrangeiros teve uma redução de 57%, passando de 455 mil toneladas para 193 mil toneladas.



Fonte: COANA / SRF

Há cinco anos as importações anuais destes dois subgrupos eram da ordem de 608 mil toneladas. Em 2017 as entradas de papéis de imprimir e escrever e cartão atingiram 395 mil toneladas, conforme as estatísticas da Indústria Brasileira de Árvores. Ou seja, o mercado de importação de papel em geral teve queda de 35% no período de 2013 a 2017. Para a Andipa, a redução mais acentuada nos segmentos de jornal e imprimir e escrever é reflexo tanto do avanço dos meios digitais quanto das sucessivas crises econômicas e afetou igualmente a produção editorial, amparada pelo benefício fiscal, e a comercial, que engloba todos os outros tipos de impressos.

Importação de papéis (em mil toneladas)					
	2013	2014	2015	2016	2017
Imprimir e Escrever	559	577	336	292	350
Cartão	49	49	48	35	45
Subtotal	608	626	384	327	395
Jornal	318	293	212	139	102
TOTAL	926	919	596	466	497

Fonte: Cenários ibá

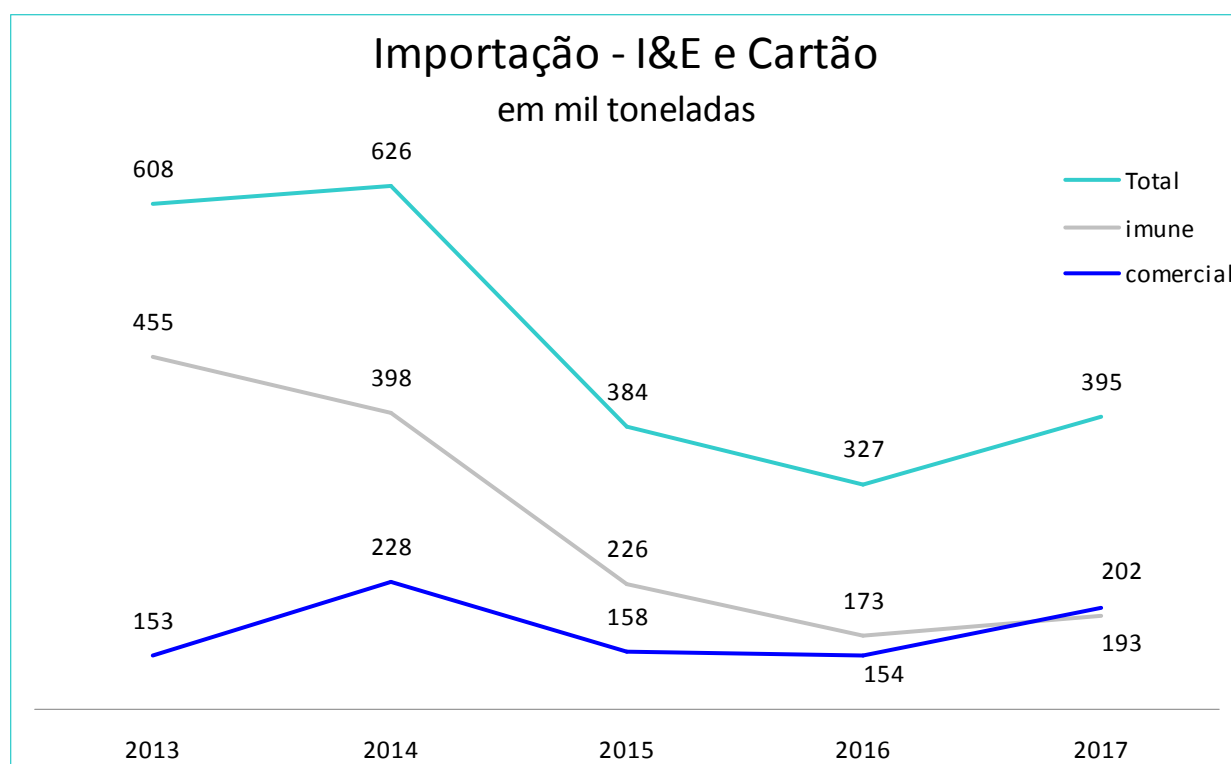
Imune x comercial

A partir dos dados de importação em geral (acompanhados pela Secex e divulgados mensalmente no boletim Cenários Ibá) e dos específicos das entradas de papel imune (fornecidos pela Receita Federal), a Andipa pôde identificar a quantidade do produto estrangeiro recebido no País de acordo com seu tratamento tributário. A análise mostrou que, somados os volumes de I&E e cartão, as importações de papel imune recuaram 57% no período de comparação, percentual superior aos 35% de queda nas entradas gerais. Desta forma, a parcela correspondente ao papel tributado, destinado para fins comerciais, teve aumento de 31% nos últimos cinco anos.

Das 395 mil toneladas importadas (de I&E e cartão) no ano passado, 193 mil toneladas foram registradas com imunidade tributária, restando 202 mil toneladas que desembarcaram submetidas ao recolhimento de todos os impostos cabíveis, dentre eles o Imposto de Importação (II). Em 2013, foram 455 mil toneladas de

imune e 153 mil toneladas de papel comercial. No ano seguinte, as entradas de papéis aumentaram para 626 mil toneladas e a parcela imune diminuiu para 398 mil toneladas, totalizando 228 mil toneladas tributadas. O volume geral caiu 39% em 2015 e mais 15% em 2016, aumentando 21% no ano passado.

Vale lembrar que desde 1º de outubro de 2013 o papel imune deve ter embalagem especial que expõe a destinação exclusiva por sua condição de excepcionalidade tributária. A rotulagem obrigatória foi estabelecida no art. 2º da Lei nº 12.649, de 17 de maio de 2012, e regulamentada na Instrução Normativa da SRF, 1341, de 02 de abril de 2013. A regra vale para todos os papéis comercializados no Brasil, sejam nacionais ou importados, e foi implantada como alternativa para conter os desvios de finalidade, em uma ação que envolveu órgãos públicos de fiscalização e controle e as entidades setoriais, entre elas a Andipa que participou ativamente do processo.



Fonte: COANA / Secex / Cenários Ibá - Elaboração: ANDIPA

Menos livros

O livro é um dos produtos beneficiados pela imunidade tributária sobre o papel, com o objetivo de promover a educação e cultura no Brasil. Entre os anos de 2012 a 2016, a produção nacional de livros diminuiu 12%. A venda total que inclui os segmentos de mercado e de governo também teve recuo no período, de 11%. Estes dados são apurados pela pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro, realizada anualmente pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), a pedido da Câmara Brasileira do Livro (CBL) e do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL). A edição de 2017 está em fase de coletas de dados das editoras.

De acordo com as últimas pesquisas, em 2016 foram produzidos 427,2 milhões de exemplares de livros, queda de 4,4% sobre a produção do ano anterior, de 446,8 milhões de exemplares. O diagnóstico de 2014 computou 501,4 milhões de exemplares, o que representou crescimento de 7,2% sobre os 467,8 milhões de exemplares de 2013. Um ano antes, a produção editorial brasileira foi de 485,3 milhões de exemplares.

Somando as vendas ao mercado e ao governo, em 2016 o setor editorial vendeu 385,1 milhões de exemplares, 1% menos que os 389,3 milhões de exemplares do ano anterior. Depois de crescer 10% e fechar 2013 com 479,9 milhões de exemplares, as vendas de 2014 recuaram ao patamar de 2012, em torno de 435 milhões de livros.

Mercado de Livros

em milhares de exemplares

	Produção	Vendas
2012	485,3	434,9
2013	467,8	479,9
2014	501,4	435,7
2015	446,8	389,3
2016	427,2	385,1

Fonte: pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro

Varejo de livros tem balanço positivo

A julgar pelos números do varejo, o mercado de livros pode ter resultados positivos em 2017. A pesquisa mensal Painel das Vendas de Livros no Brasil, realizada pela Nielsen em parceria com o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), apontou aumento de 4,55% no volume de vendas e 6,15% no faturamento do ano passado. “Desde que iniciamos a série histórica com o Bookscan, em 2013, este é o primeiro ano que vemos resultados financeiros positivos e acima da inflação”, comenta Ismael Borges, líder da Nielsen Bookscan Brasil.

As varejistas monitoradas na pesquisa venderam 42,3 milhões de exemplares em 2017, 1,8 milhão a mais do que em 2016. Com isso o faturamento do varejo de livros saltou de R\$ 1,6 bilhão para R\$ 1,7 bilhão.

Painel de 2018

A primeira edição deste ano da pesquisa mostrou que o setor varejista manteve o ritmo positivo e registrou melhora em sua performance em comparação a parcial de 2017. Em volume, as vendas cresceram 4,19%, enquanto o faturamento subiu 14,05% nas primeiras quatro semanas deste ano sobre igual período do ano

passado. Conforme a Nielsen Bookscan, em geral, os números de janeiro refletem a campanha de volta às aulas, que em 2018 foi favorecida pelo cenário macroeconômico. Nas quatro primeiras semanas de 2018, as livrarias, supermercados e lojas de autoatendimento venderam 4 milhões de exemplares, perfazendo faturamento de R\$ 216,2 milhões.

ANL/GFK

Outra pesquisa que registra o comportamento do varejo no mercado do livro no Brasil confirma que o ano de 2018 começou com resultados positivos. A segunda edição do relatório da Associação Nacional de Livrarias (ANL) e da GFK, empresa de Inteligência de Mercado, revela aumento de 6,2% no volume de exemplares vendidos, que elevaram em 9,4% o faturamento em janeiro deste ano em comparação com o mesmo mês de 2017. Em janeiro de 2018, as livrarias, supermercados e lojas de monitorados na amostra venderam 6,5 milhões de exemplares que geraram receita de R\$ 345 milhões. Conforme a pesquisa, o canal especializado (livrarias) teve 10,5% de alta no faturamento deste ano, se destacando na recuperação do setor.

Papel imune segue no plano de fiscalização da Receita Federal

O papel imune é um dos cinco setores com ações planejadas de fiscalização para o combate à evasão de receita tributária, conforme anunciado no Plano Anual da Fiscalização da Secretaria da Receita Federal do Brasil para o ano-calendário de 2018, apresentado no dia 15 de fevereiro. Em 2017, o papel imune foi incluído na lista de prioridades da Receita Federal, que vem monitorando contribuintes para identificar a ocorrência do desvio de finalidade em operações de revenda inidôneas.

No ano passado foram enviadas 2410 intimações para contribuintes portadores de Registro Especial, com indícios de irregularidades fiscais e cadastrais. Cerca de 70% dos intimados (1717) promoveram a autorregularização. Os contribuintes que deixaram de apresentar a DIF-Papel Imune sofrerão as penalidades cabíveis.

Ao lado dos setores de cigarros, bebidas, biodiesel/álcool e dos distribuidores de combustíveis, o papel imune está entre as principais operações previstas para 2018, visando o combate à sonegação que impõe concorrência desleal a empresas que cumprem a lei tributária e buscam concorrer de maneira ética. Conforme descrito no planejamento da Receita Federal, será feita uma depuração do cadastro de Registro Especial Papel Imune, para posterior monitoramento do comportamento do setor, com sugestão de procedimentos fiscais para identificar o desvio de finalidade do papel imune em operações de vendas inidôneas, que compram papel editorial e vendem papel comercial, sem o recolhimento dos tributos devidos.

A Receita divulgou ainda que avalia, em conjunto com o setor, o desenvolvimento de uma nova solução tecnológica que não permite fuga de informações em operações interestaduais. Para isso, está fazendo ajustes no Sistema de Registro e Controle das Operações com Papel Imune – o Recopi Nacional, junto à Secretaria de Fazenda do Estado de São Paulo.

As ações de combate às fraudes em geral também contemplam situações que podem ocorrer no mercado de papel imune, que são as empresas “noteiras”. Segundo a Receita Federal, as noteiras são ‘caracterizadas por existirem com finalidade de emissão de notas fiscais sem realização da operação de vendas nelas consignada, simulando transação comercial’. O Plano de 2018 prevê a suspensão e eventual baixa dessas empresas, com notas emitidas em valores que se aproximam de R\$ 3 bilhões no período de 5 anos. Os trabalhos deste ano incluem também a identificação do real adquirente dos documentos fiscais emitidos por essas empresas, com propósitos simulatórios.

Tributarista faz palestra sobre plano

A fiscalização sobre o papel imune tratada no Plano Anual da Secretaria da Receita Federal será analisada pelo advogado tributarista, Gustavo Dalla Valle Baptista da Silva, sócio do escritório LBZ Advocacia e consultor da Andipa. A palestra acontecerá durante reunião ordinária da Andipa com seus associados, no dia 06 de março, na sede da FecomercioSP, em São Paulo.

Revista jurídica publica artigo sobre imunidade

Artigo aborda o benefício da imunidade tributária sobre o papel, as fraudes decorrentes do desvio de finalidade e a punição ao contribuinte, mesmo que cumpra à risca a legislação e as obrigações acessórias. O cenário conhecido das empresas do setor foi detalhadamente explicado em texto de opinião publicado na revista eletrônica Consultor Jurídico, no dia 17 de janeiro. O artigo é assinado pelos advogados especialistas em Direito Tributário, Gustavo Dalla Valle Baptista da Silva, sócio do escritório LBZ - Leite de Barros Zanin Advocacia, e Flávio de Haro Sanches, do escritório CSMV Advogados e ex-juiz do Tribunal de Impostos e Taxas da Secretaria de Negócios da Fazenda do Estado de São Paulo.

Com o título “Imunidade tributária do mercado de papel saiu caro demais”, o texto explica o assunto para o público do veículo de comunicação, que é composto por advogados, juizes, estudantes, jornalistas, professores, integrantes do Ministério Público, empresários e público em geral.

Os autores apresentam os necessários mecanismos de fiscalização e controle implantados para coibir as

fraudes envolvendo o papel com imunidade – tanto no âmbito federal (Registro Especial) quanto no estadual (Recopi - Sistema de Registro e Controle das Operações com Papel Imune).

Os advogados discorrem sobre o trâmite para que as empresas tenham autorização para comercializar papel imune, e como a autoridade fiscal tem ignorado o processo e histórico, punido o contribuinte regular, sobretudo a Secretaria da Fazenda de São Paulo. “Um setor supostamente beneficiado é, hoje, um dos mais complexos para operar”, afirmam os tributaristas, que defendem que os sistemas de controle devem ter salvaguardas. “Se há Recopi a presunção é de que a pessoa era idônea”, concluem, reiterando que se aplique às empresas do setor de papel o princípio do contribuinte de boa-fé como determina a Súmula 509 do Superior Tribunal de Justiça (STJ).

O texto completo pode ser conferido no endereço eletrônico <https://www.conjur.com.br/2018-jan-17/flavio-sanches-imunidade-mercado-papel-saiu-caro-demais#author>.

Comércio atacadista de papel em SP aderiu à convenção coletiva

As entidades sindicais representativas de trabalhadores e empresas do comércio no estado de São Paulo retomaram as negociações para reajuste salarial e demais condições das relações trabalhistas, válidas para o período 2017/2018. Pelo acordo firmado entre a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP) e o Sindicato dos Empregados no Comércio de São Paulo, em 24 de janeiro de 2018, foi mantido o índice de reajuste salarial para os comerciários em 1,73% a partir de 01 de setembro de 2017, data-base da categoria. A negociação incluiu a concessão excepcional de abono no valor de R\$ 300,00 a ser pago em duas parcelas, nos meses de maio e junho.

Conforme acordado, os sindicatos patronais precisavam aderir à convenção e submetê-la à sua categoria econômica, como fez o Sinapel - Sindicato do Comércio Atacadista de Papel, Papelão, Artigos de Escritório e de Papelaria do Estado de São Paulo.

As empresas do comércio atacadista de papel foram informadas sobre a contribuição para o custeio das negociações coletivas, conforme deliberado nas assembleias gerais dos sindicatos integrantes da Federação. A íntegra dos documentos pode ser consultada no portal do Sinapel (<http://www.sinapel.com.br/convencoes-coletivas>).

Pesquisa no Reino Unido revela preferência pelas embalagens de papel e cartão

Em meio às discussões acaloradas sobre embalagens, resíduos de plástico evitáveis e um movimento para uma economia circular, uma pesquisa, realizada por Two Sides e a agência internacional Toluna, revelou uma forte preferência pela embalagem de papel e de cartão entre os consumidores do Reino Unido.

A pesquisa com 500 adultos no Reino Unido mostrou que papel e cartão são os materiais de embalagem preferidos em termos de proteção ambiental, reciclabilidade e praticidade.

Os entrevistados foram questionados sobre quais materiais de embalagem (vidro, metal, papel e papel cartão ou plástico) eles preferem, com base em vários motivos diferentes. O papel e o cartão receberam a maior pontuação por serem considerados melhores para o ambiente e mais fáceis de reciclar. Em termos de praticidade, as embalagens de papel e cartão foram reconhecidas como sendo mais fáceis de abrir e fechar e, de armazenar, mais leves, e mais seguras de usar.

Os consumidores também apreciam as qualidades ambientais únicas da embalagem de papel e cartão:

- 78% preferem embalagens de papel e papel cartão porque são biodegradáveis
- 73% acreditam que as embalagens de papel e cartão fazem bom uso de materiais reciclados

- 64% preferem embalagens de papel e cartão porque são feitas de fibra de madeira renovável

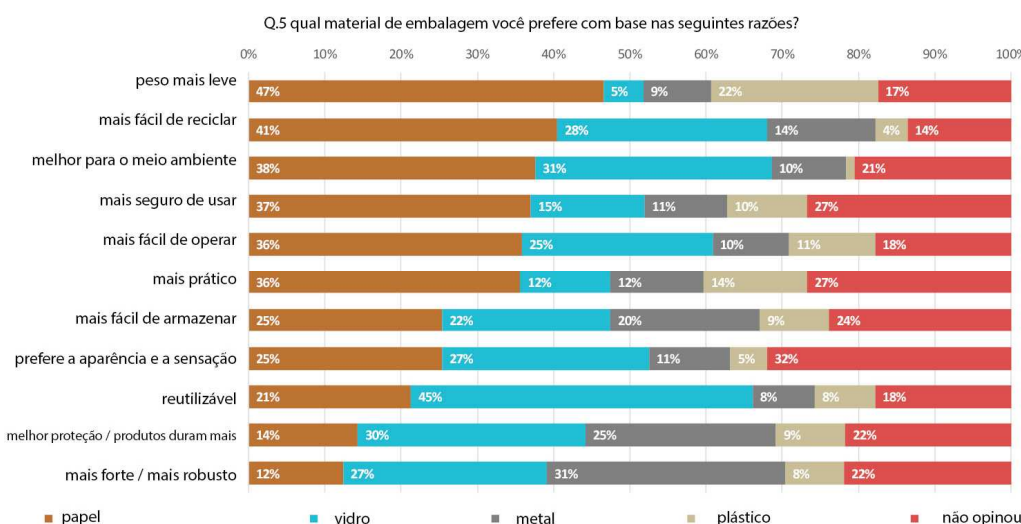
Martyn Eustace, diretor-gerente de Two Sides Internacional, diz:

"É ótimo ver embalagens de papel e cartão reconhecidas pelos consumidores por seus excelentes atributos ambientais. As embalagens de papel e de papel cartão têm uma taxa de utilização excepcionalmente elevada de fibras recicladas, e são também as mais recicladas da Europa, com 83%".



A pesquisa também revelou importantes preocupações dos consumidores em relação às embalagens em geral. 85% acreditam que as embalagens são fonte importante de lixo, 84% acreditam que o excesso de embalagens é um problema e 71% acreditam que as embalagens são ruins para o meio ambiente. Copos de café, garrafas de plástico, invólucros de chocolate, embalagens plásticas e embalagens para levar para casa foram percebidos como sendo as principais geradoras de lixo.

A embalagem de papel e cartão é durável, renovável e reciclável e será essencial à medida que avançarmos para uma economia circular regenerativa, conforme descrito no Plano Ambiental de 25 anos do Governo do Reino Unido.



SOBRE TWO SIDES

Two Sides é uma iniciativa global de empresas da indústria de comunicações gráficas, incluindo silvicultura, celulose, papel, tintas e produtos químicos, pré-impressão, acabamento, editorial, envelopes e operadores postais. Nosso objetivo comum é promover a sustentabilidade do setor de comunicações gráficas e dissipar os equívocos ambientais comuns, fornecendo aos usuários informações verificáveis sobre por que impressão e papel são um meio de comunicação atraente, prático e sustentável.

Expectativa de recuperação anima mercado do papel

Indústrias gráficas, fabricantes de papéis e editores de livros partilham a perspectiva de retomada das atividades e resultados positivos em 2018. Mesmo que nem todos os indicadores de 2017 sejam animadores, a expectativa de melhora é unânime. “Os primeiros meses de 2018 se mostraram ainda tímidos, mas com otimismo. Vai ser difícil retomar o crescimento mais expressivo, mas deve começar a andar de maneira mais sólida”, avaliou Levi Ceregato, presidente da Abigraf Nacional, comentando o resultado negativo da produção física no ano passado (ver página 13) e a melhora no índice de confiança dos empresários, que estão olhando para o futuro e não mais para o retrovisor.

“Na cadeia produtiva, o distribuidor é extremamente

importante. Sem ele as micro e pequenas não sobreviveriam, não teriam como operar. Além de suprir o estoque das gráficas, vejo que o distribuidor ainda leva crédito, informação e tecnologia”.



Levi Ceregato, presidente da Abigraf

Com a tendência de retomada da economia, a expectativa para a produção e venda de papéis em geral é de crescimento. “É uma relação direta. Portanto, as perspectivas e a demanda vão depender fortemente da atividade econômica”, explicou Elizabeth de Carvalhaes, presidente executiva da indústria Brasileira de Árvores (Ibá).

Para o mercado editorial, a melhora em 2017 deve se confirmar pequena, atrelada à situação econômica do país, mas representa um bom alento para um segmento que sentiu os efeitos da crise desde o final de 2014, passando pelo período mais grave em 2016. “Foi um tempo muito, muito ruim para todos nós. Para 2018, os comentários de editores e livreiros mostram um otimismo bastante grande”, disse Luis Antonio Torelli, presidente da Câmara Brasileira do Livro (CBL), avaliando que politicamente o Brasil ainda vive um período turbulento, mas a economia começa a reagir e assim as empresas se posicionam melhor.

O desempenho melhor das fábricas de papel (ver matéria da página 14) já reflete o início da recuperação da economia no ano passado. A presidente da Ibá apontou que a gradual retomada de confiança do consumidor, principalmente no último trimestre, foi fundamental para os segmentos de embalagens, *tissue* e cartão. “Com o consumo subindo, o setor cresce”, destacou Carvalhaes, acrescentando que para o papel de imprimir e escrever, as exportações foram significativas no resultado, uma vez que o mercado doméstico permaneceu estagnado.

Eleições e copa do mundo de futebol são citadas como eventos que podem interferir de alguma forma no mercado de papel. Para a indústria gráfica, a campanha eleitoral pode provocar aumento significativo no número de impressões no país. Ceregato explicou que esse incremento não se dá de maneira uniforme, mas sim por regiões onde a comunicação impressa predomina. “O papel passa credibilidade ao eleitor”, afirmou o presidente da Abigraf, observando que a competição de futebol também pode ter influência na demanda por impressos.



Foto de Rafael Renzo Divulgação, Ibá

Elizabeth de Carvalhaes, presidente executiva da indústria Brasileira de Árvores (Ibá), falou das expectativas do setor para este ano.

A indústria brasileira tem investido na produção de celulose. Há espaço para se repensar a produção de papéis?

“Com a expectativa de retomada do consumo dos brasileiros, o papel caminha junto com perspectivas positivas. A capacidade de produção tem espaço para atender uma demanda maior de papel de imprimir e escrever e papel cartão. Além disso, o consumo está passando por uma fase de transição, já que o público busca por produtos com valor agregado. Embalagens é o primeiro segmento a sentir esse movimento, pois acompanha quase todos os produtos consumidos, inclusive os de primeira necessidade. Há uma grande preocupação com o desenvolvimento e valorização das embalagens como um produto sustentável, o que abre portas para inovação, por exemplo.

Cada vez mais os *tissues* passam a incorporar o dia a dia do país e têm grande potencial de crescimento. O aprimoramento faz parte do trabalho para esta

impulsão, já que o desenvolvimento de produtos com mais qualidade, estimula o consumo. Atualmente, dados de mercado indicam que o consumo per capita do brasileiro de *tissue* é de cerca de 6kg/hab/ano, enquanto em países do primeiro mundo é de 25 kg/hab/ano e na América Latina (Chile e México) chega a 13 kg/hab/ano e 9 kg/hab/ano respectivamente.

O segmento de papel de imprimir e escrever cresce quando a economia permite investimentos além da subsistência, com o crescimento da educação e da cultura. As indústrias brasileiras têm apostado na exportação de seus produtos”.

Como deve se comportar a demanda nos outros segmentos da indústria de árvores?

“Painéis e Pisos laminados tendem a crescer com a retomada da economia. A construção civil volta a aquecer e isto é muito benéfico para esta indústria. O crédito aumenta, o que facilita a compra dos consumidores, que, por muitas vezes, optam pelo parcelamento. Além disso, a geração de emprego e renda também estimulam o consumo de móveis.

Para celulose, o mercado interno continuará crescendo. A produção variou positivamente em 2017 (+3,8% em relação ao ano anterior). No mercado internacional, o consumo de celulose está sendo pressionado positivamente por mudanças estruturais no consumo da *commodity* na China, com o estabelecimento cultural do uso dos *tissues* e mantendo-se como principal consumidor da celulose brasileira. Além disso, ajudam a manter a demanda por celulose aquecida, o consumo nos mercados mais consolidados como EUA e Europa, que devem se manter em patamares conhecidos de consumo e com redução da oferta devido ao desligamento ou redução das suas linhas de fabricação”.

Livro terá Bienal e novos projetos em 2018

Na esteira do otimismo que impulsiona as atividades, um exemplo prático é a 25ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que já nos primeiros dados indica que terá resultados superiores aos da edição de 2016. Com oito meses de antecedência, 70% das áreas de exposição estavam vendidas, patrocinadores e editores já garantiram presença no evento, que será realizado entre os dias 3 e 12 de agosto de 2018 no Pavilhão de Exposições do Anhembi. A edição de 2016 perdeu patrocínios, precisou de um esforço muito maior para atrair os expositores e teve espaços menores, com poucos lançamentos.

Com perspectiva da retomada do crescimento, o setor editorial está resgatando dois projetos engavetados para serem lançados até a Bienal do Livro. Com apoio do Sebrae e da Faculdade de Economia e Administração, a Câmara Brasileira do Livro está criando um guia com o passo a passo para quem quer empreender e abrir uma livraria de rua. O presidente da entidade, Luis Antonio Torelli, explicou que a iniciativa pretende reduzir o déficit de livrarias e fomentar a abertura de pontos de venda que favoreçam o contato com o livro e a leitura. Segundo ele, o comércio eletrônico é opção de compra apenas para aqueles que já são leitores, enquanto a loja física permite o contato direto com o livro, capaz de estimular novos leitores.

O segundo projeto é outro manual, este voltado diretamente para o incentivo à leitura de crianças e jovens. A publicação vai oferecer apoio aos professores, especialmente aos que não leem, para que possam desenvolver ações para formação de leitores.



Divulgação

“As empresas estão acreditando em 2018. Estamos bastante animados e temos nos esforçado para que a Bienal seja cada vez mais confortável, com espaços de circulação, acesso, praça de alimentação e programação cultural para nossos visitantes”.

Luis Antonio Torelli, presidente da CBL

Outra boa notícia para este ano deve ser a compra de livros de literatura pelo Ministério da Educação em um edital transitório do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) para suprir o corte do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), que foi descontinuado no fim do governo Dilma e definitivamente cancelado em 2017.

4º trimestre ruim derrubou produção da indústria gráfica

O desempenho da indústria gráfica nos últimos três meses de 2017 puxou o resultado do ano para baixo. Conforme a prévia dos números do ano apresentada pela Abigraf, a produção física na indústria gráfica em geral no quarto trimestre do ano passado foi de -8% sobre o mesmo período de 2016. Com isso, o total anual teve recuo de 7,5%. Na indústria de transformação, o saldo do quarto trimestre foi positivo em 16,4%, contribuindo para a alta de 4,8% na produção física anual. No mercado gráfico, o segmento de embalagem apresentou crescimento no período de comparação, 3,6% no último trimestre do ano e 2,2% nos doze meses.

As embalagens respondem por 48,6% da produção da indústria gráfica. Em segundo lugar vêm as publicações editoriais, com 21,6% do total, um percentual bastante significativo e que vem se mantendo neste patamar, conforme avalia o presidente da Abigraf Nacional, Levi Ceregato. O segmento de impressos promocionais representa

8,6%, enquanto os impressos de segurança participam com 6,8% da produção gráfica. Etiquetas (4,8%), pré-impressão (3,3%), cartões (3,4%), cadernos (2,7%) e envelopes (0,2%) completam o conjunto de itens da produção gráfica brasileira.

O mercado gráfico em geral perdeu 4% das empresas e 2,7% da força de trabalho em 2017 em comparação com o ano anterior. Considerando os valores, as importações do setor aumentaram 13% e as exportações recuaram 5%. Ainda assim, os investimentos em máquinas e equipamentos subiram 16%. O índice médio de ociosidade das plantas gráficas está em torno de 25%, o que indica rápida capacidade de crescimento e absorção da demanda.

A previsão, segundo o presidente da Abigraf, é de que o produto interno bruto da indústria gráfica referente a 2017 fique em torno dos R\$ 47 bilhões, repetindo o patamar do ano anterior. Para 2018, a expectativa é de crescimento do PIB entre 1% e 3%.

Produção física da indústria gráfica

	Embalagens impressas	Indústria Gráfica	Indústria de Transformação
2013	0,60%	-3,20%	2,70%
2014	-1,90%	-1,80%	-4,20%
2015	-5,50%	-13,90%	-9,90%
2016	-2,30%	-5,80%	-6,60%
2017	2,20%	-7,50%	4,80%
3T17/3T16	2,50%	-1,90%	3,20%
4T17/4T16	3,60%	-8,00%	16,40%

Fonte: IBGE, BCB. Cálculo: Decon/Abigraf

2017 foi positivo para o segmento de I&E

Depois de dois anos de quedas, em 2017 o consumo aparente de papel para imprimir e escrever (I&E) cresceu 1,3%. Com gradativa recuperação ao longo do ano, a produção destes papéis reverteu os resultados negativos acumulados no primeiro semestre e fechou o ano estável em relação a 2016, com 2,5 milhões de toneladas. Deste total, 960 mil toneladas foram enviadas ao exterior, volume 3,6% maior que no ano anterior, conforme os números divulgados na 44ª edição do Boletim Cenários I&E. No mesmo período as importações de papéis para imprimir e escrever cresceram 19,9%, somando 350 mil toneladas.

Com isso, o consumo aparente dos papéis de I&E no Brasil em 2017 foi de 1,89 milhão de toneladas, superando em 1,3% o total de 2016 (1,87 milhão de toneladas) e em 0,7% o de 2015 (1,88 milhão de toneladas). Ainda assim, o volume ofertado ao consumo no País no ano passado ficou 19,1% aquém das 2,34 milhões de toneladas apuradas em 2012. O consumo aparente considera a soma da produção nacional e da importação, descontada da exportação, e indica a quantidade de papéis disponíveis no mercado brasileiro.

Dados anuais do segmento de papéis de imprimir e escrever
(em mil toneladas)

	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Produção nacional	2.634	2.619	2.616	2.491	2.507	2.506
Vendas domésticas	1.690	1.705	1.754	1.552	1.543	1.498
Exportações	952	920	863	945	927	960
Importações	661	559	577	336	292	350
Consumo aparente	2.343	2.258	2.330	1.882	1.872	1.896

Fonte: Cenários I&E

Considerando os papéis em geral, para os diversos fins, em 2017 o mercado brasileiro registrou crescimento de 1,4% na produção, 0,7% nas vendas domésticas, 0,5% nas exportações, 10,2% nas importações e 2,3% no consumo aparente, que foi 9,1 milhões de toneladas de papéis.

O segmento de papéis para embalagens tem a maior participação na produção brasileira, correspondendo a 52% do total em 2017, de 10,5 milhões de toneladas. Com uma fatia de 24% do total, o segmento de papéis para impressão e escrita é o segundo maior volume, seguido pelos papéis para fins sanitários (11%). Depois vêm os grupos de papel cartão, o classificado como outros e por fim o papel jornal.

Vendas domésticas recuaram

O único indicador de papel de imprimir e escrever (I&E) com resultado negativo em 2017 foi o das vendas das indústrias nacionais ao mercado doméstico, que totalizaram 1,5 milhão de toneladas, apresentando queda de 2,9% sobre 2016. Na análise dos últimos seis anos, a venda doméstica de papéis para impressão e escrita no ano passado foi 11,4% do menor que a de 2012, que somou 1,69 milhão de toneladas. Após dois anos de crescimento (0,9% e 2,9%), a venda interna caiu 11,5% em 2015, para 1,55 milhão de toneladas, e retraiu novamente em 2016, para 1,54 milhão de toneladas.

Entre 2012 e 2017, a produção nacional de papéis de I&E diminuiu 4,9%. Pelo histórico estatístico da

Indústria Brasileira de Árvores, apenas a fatia destinada ao mercado externo teve crescimento de 0,8% no período. Partindo de 952 mil toneladas em 2012, as exportações caíram para 863 mil toneladas em 2014 e terminaram o ano passado com 960 mil toneladas.

As importações de papéis de I&E tiveram a queda mais abrupta dos últimos seis anos e diminuíram 47%. O boletim estatístico do setor aponta que em 2012 foram importadas 661 mil toneladas destes papéis. Depois de queda e ligeira recuperação nos anos seguintes, as entradas de papéis estrangeiros destinados à impressão e escrita somaram 336 mil toneladas em 2015, recuando para 292 mil toneladas no ano de 2016.

Oferta de cuchê importado recuou 6,7%

As entradas de cuchê estrangeiro não acompanharam o crescimento das importações de papéis para imprimir e escrever e encerraram 2017 somando 132,6 mil toneladas, com 6,8% de queda ante as 142,2 mil toneladas do ano anterior. O recuo no saldo anual foi o quinto consecutivo, desde o recorde de 2012, quando foram importadas 363,9 mil toneladas de papéis cuchê. Enquanto as importações de papéis de I&E caíram 47% nos últimos seis anos, os desembarques de cuchê diminuíram 63,6%, como mostram os dados apurados no Sistema AliceWeb, da Secex/MIDC e os divulgados no Boletim Cenários Ibá.

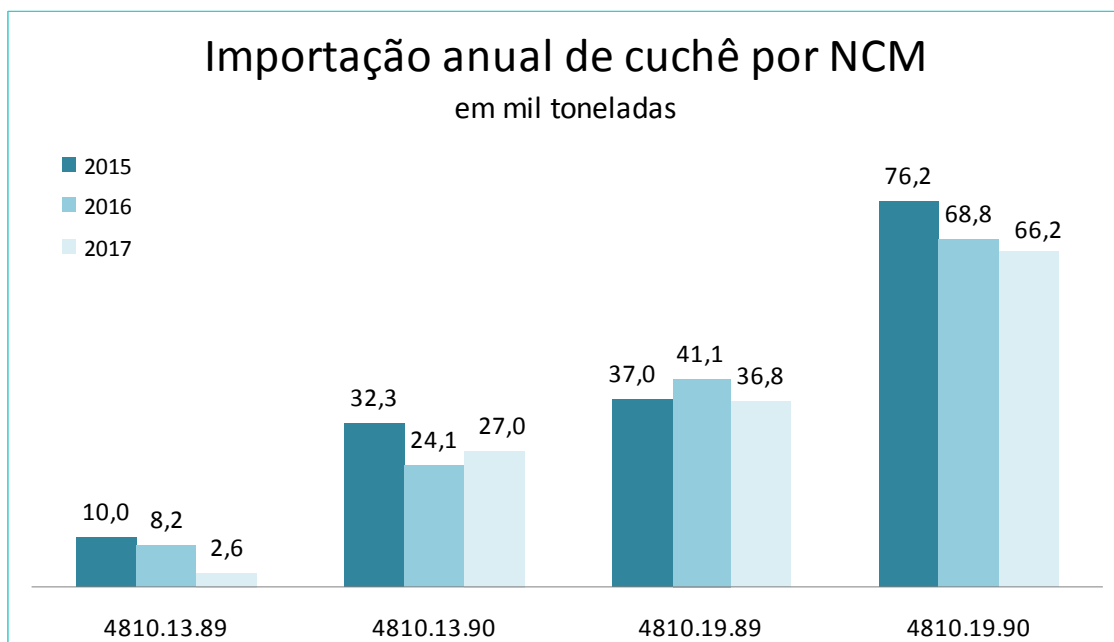
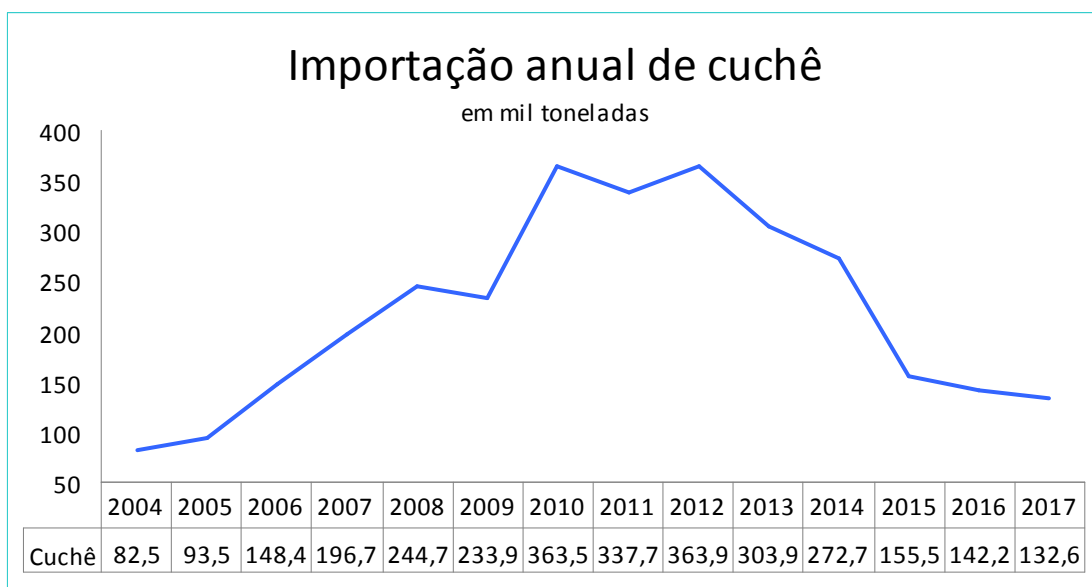
O cuchê ainda é o principal produto de importação no segmento de papéis para imprimir e escrever. Em 2012, o cuchê correspondeu a 55% das importações de papéis de I&E. Com sucessivas quedas nos anos seguintes, em 2017 a participação dos papéis cuchê ficou em 38% do total de imprimir e escrever.

Enquadrado em quatro classificações (NCM – Nomenclatura Comum do Mercosul), conforme formato e peso, o cuchê teve aumento

nas importações apenas na NCM 4810.13.90 – papel em bobina em baixa gramatura. Em 2017, a Secex apurou a entrada de 27 mil toneladas de papéis neste item, volume 12% maior que no ano anterior, mas ainda abaixo das 32 mil toneladas de 2015.

A maior redução nos desembarques foi no item 4810.13.89, que corresponde ao cuchê em bobina e de peso superior a 150 g/m², que somou 2,6 mil toneladas em 2017, contra 8,2 mil toneladas no ano anterior.

Em geral, mais de 70% das importações brasileiras de cuchê são em formato (folhas), enquadrados nas NCMs 4810.19.89 e 4810.19.90. Em 2017, foram importadas 103 mil toneladas nas duas classificações.



Fonte:
AliceWeb – Secex / MDIC
Elaboração: ANDIPA

Importação cresceu em cinco dos sete grupos de papéis pesquisados

Com exceção do cuchê e do jornal, os principais tipos de papéis importados pelos distribuidores registraram aumento nos desembarques em 2017 ante os volumes de 2016. Mensalmente a Andipa acompanha, junto à Secretaria de Comércio Exterior (Secex), o desempenho das importações em sete grupos de papéis utilizados pela indústria gráfica nacional – LWC, MWC, *cut size*, ofsete e cartão, além de cuchê e jornal. Em 2017, cinco deles tiveram crescimento sobre o ano anterior, sendo que em quatro os volumes superaram também os de 2015.

Percentualmente, a maior alta foi verificada no subgrupo de papéis ofsete, com a importação de 33,5 mil toneladas em 2017, mais que o dobro das 15 mil toneladas de 2016. No ano anterior desembarcaram no País 14,2 mil toneladas nas três classificações NCMs dos papéis ofsete.

As importações na NCM correspondente ao papel MWC somaram 90,9 mil toneladas no ano passado, representando aumento de 49% sobre as 61,1 mil toneladas de 2016. Mesmo percentual de crescimento teve o papel *cut size*, com o desembaraço de 20,7 mil toneladas no ano passado, ante as 13 mil toneladas dos anos anteriores.

De acordo com os dados oficiais da Secex, o total das importações de cartão da NCM 4810.92.90 foi de 41,7

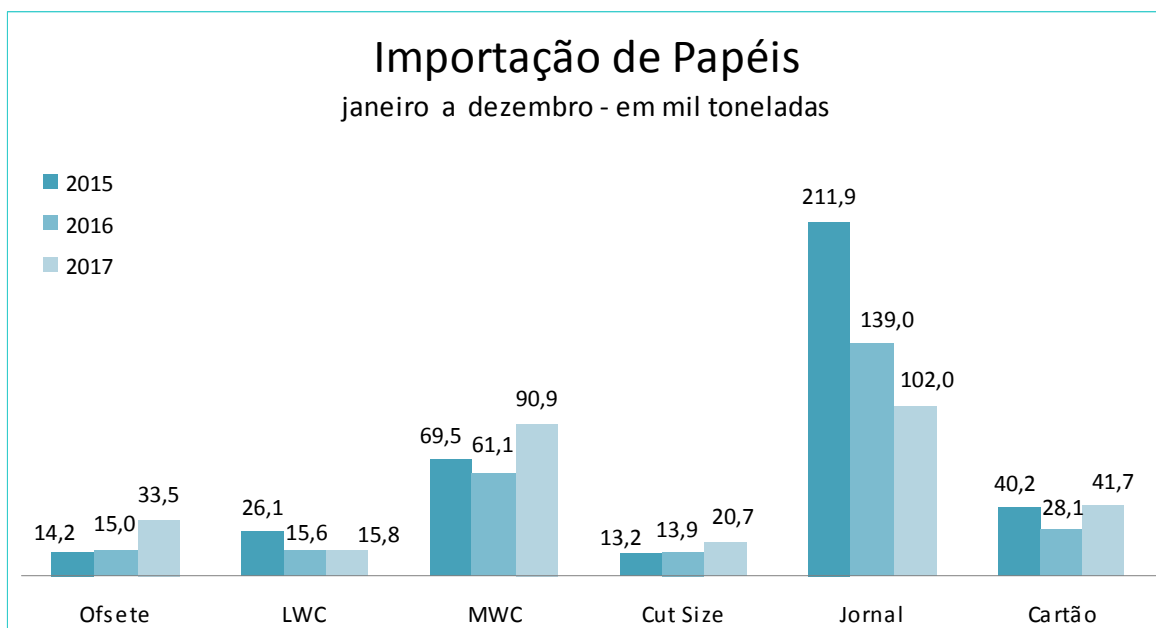
mil toneladas em 2017, crescimento de 48% sobre as 28 mil toneladas de 2016, superando ainda as 40,2 mil toneladas de 2015.

Para o subgrupo de papéis LWC o aumento foi de 1% ante as 15,6 mil toneladas internalizadas em 2016. O volume equivale à redução de 39% em relação as 26,1 mil toneladas importadas no ano de 2015. Os cuchês somaram 132,6 mil toneladas em 2017, 6,8% de queda sobre as 142,2 mil toneladas do ano anterior e 14,7% menos que as 155,5 mil toneladas importadas em 2015.

Jornal

Registrando quedas sucessivas nas importações desde 2011, o papel jornal foi o item com maior recuo também em 2017, somando 102 mil toneladas, 26,6% a menos do que as 139 mil toneladas do ano anterior. O volume de papel jornal importado no ano passado corresponde a 22% do total anotado pela Secex em 2010 – 462,7 mil toneladas.

A retração na demanda por papel jornal provocou também o enxugamento da oferta do produto nacional. Em 2008, a indústria brasileira produziu 141 mil toneladas de papel para imprensa. No ano passado, foram 83 mil toneladas de acordo com dados do setor.



Fonte: AliceWeb – Secex / MDIC

Elaboração: ANDIPA

Janeiro teve oferta maior de papéis

O mercado brasileiro de papéis teve números positivos em janeiro deste ano em comparação ao primeiro mês de 2017. Na produção nacional apenas o segmento de imprimir e escrever (I&E) registrou índice negativo, de 1,5%. As entradas de papéis estrangeiros cresceram em todos os grupos, superando em 35,8% o volume anterior, como mostram os dados do Sistema AliceWeb, da Secex/MIDC e da 45ª edição do Boletim Cenários Ibá.

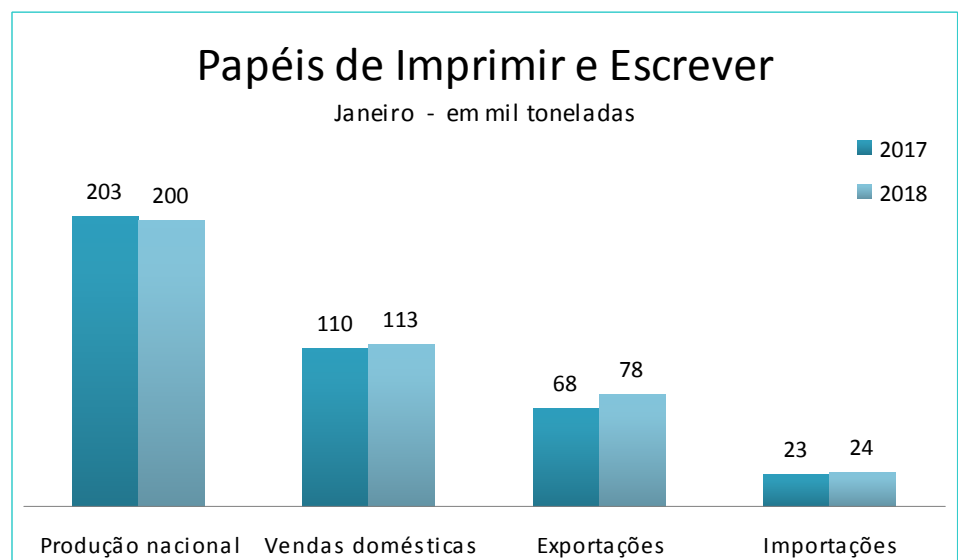
O destaque no desempenho do mês é o papel jornal. A produção nacional passou de 4 mil toneladas para 5 mil toneladas e as importações de 5,6 mil toneladas para 17,8 mil toneladas no mesmo período. O pico de importação de jornal em janeiro compensou o recorde negativo de dezembro de 2017, quando foram internalizadas 2,5 mil toneladas.

No segmento de papéis para imprimir e escrever, em números arredondados, foram produzidas 200 mil toneladas, das quais 78 mil toneladas foram exportadas e 113 mil toneladas vendidas internamente. Com cerca de uma tonelada a mais do que em janeiro de 2016, as importações de I&E começaram o ano com 24 mil toneladas, alta de 4,3%.

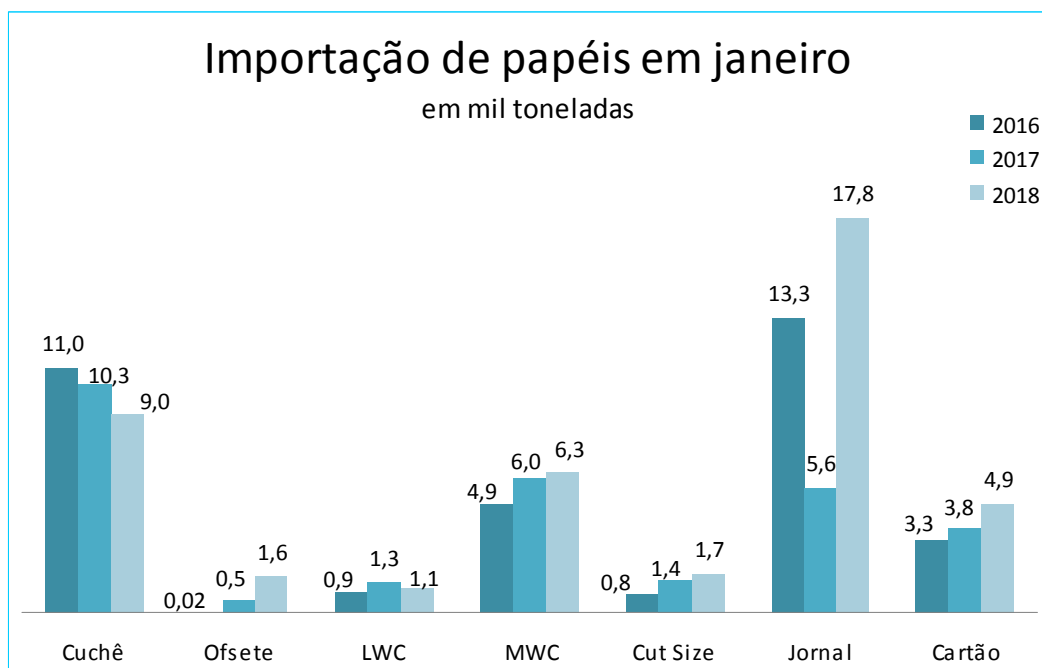
Conforme o boletim estatístico, no

papel cartão, a produção de 50 mil toneladas e as vendas domésticas de 39 mil toneladas representaram incremento de uma tonelada na comparação dos dois janeiros. Já as entradas de cartão estrangeiro na NCM 4810.92.90 cresceram de 4 mil toneladas para 4,9 mil toneladas, o maior volume para um mês de janeiro de 2015 (5 mil toneladas).

Dos sete subgrupos que a Andipa acompanha regularmente, apenas o cuchê e o LWC tiveram queda nas importações de janeiro deste ano frente ao mesmo mês de 2017. As quatro classificações de cuchê somaram 9 mil toneladas no primeiro mês deste ano, contra 10,3 mil toneladas em janeiro de 2017. O LWC recuou de 1,3 mil toneladas para 1,1 mil toneladas no período de comparação.



Fonte: Cenários Ibá



Fonte:
AliceWeb – Secex / MDIC
Elaboração: ANDIPA

DISTRIBUIDORES ASSOCIADOS



ENTIDADE MEMBRO DA



www.twosides.org.br